



EDITORIAL

A nova Equipe Editorial da Revista Ambiente & Educação tem a alegria de publicar um novo número (vol. 20, n.1, 2015) e dar continuidade ao seu trabalho, buscando a qualificação do periódico e do debate no campo da Educação Ambiental. E, nesse trabalho, um fator importante é o retorno e devolutiva dos autores e leitores sobre as edições publicadas (layout, conteúdos e outros) para que possamos estar em constante revisão e atualização.

Nesse número contamos com sete artigos de diferentes localidades do país e uma resenha, que reunidos conseguem dar uma perspectiva da dimensão e amplitude da Educação Ambiental. Assim, faremos uma breve apresentação de cada um para que nossos leitores possam ter um panorama geral.

No primeiro artigo, intitulado "A Educação Ambiental na prática dos professores da Educação Básica: políticas públicas e desenvolvimento sustentável", os autores afirmam "que o discurso oficial do desenvolvimento sustentável (DS) apresenta um conteúdo conservador, associando-o à expansão de mercado, inviabilizando, portanto, a construção da sustentabilidade, social e ambiental, que necessitamos", através do debate e apropriação crítica sobre o referido conceito.

Jean Mac Cole Tavares Santos e Francisco das Chagas Silva Souza discutem o papel acerca do professor de história no relacionado ao "desafio de trazer a temática ambiental para suas aulas, de forma interdisciplinar, com o objetivo de formar cidadãos críticos e com valores e atitudes capazes de empreender mudanças no atual contexto histórico em que vive". Desafio esse que ainda tem muito caminho para ser trilhado, bem como deste andar "no fio da navalha" da mudança de valores e atitudes em sua relação com o contexto social e natural sem cair na responsabilização do indivíduo separado do mundo típico da ideologia liberal.

No artigo seguinte os autores procuram debater a "relação entre Educação Ambiental - EA e Ensino de Geografia", e como professores o que querem "é aproximar a temática em sua importância daqueles que de fato são os responsáveis pela construção e adaptações do, no e para o ambiente: [a] comunidade escolar e extra escolar, sem exceções".

O quarto artigo "trata-se de um estudo de caso desenvolvido com professores, técnicos e alunos do curso profissional de Informática" no Instituto Federal do Amapá. Os autores destacam que "com o aumento do número de Institutos Federais no Brasil, em regiões onde a presença do poder público é tímida, eles podem fazer a diferença porque trazem novas discussões para problemas locais e soluções mais eficientes e participativas".

No artigo intitulado "Educação Ambiental no semi-árido: uma revisão sistemática das experiências e práticas" as autoras procuram "investigar como são desenvolvidas as ações e práticas em Educação Ambiental (EA) no Semi-árido Brasileiro (SAB)". Como resultado de suas pesquisas e reflexões apontam para "a necessidade emergencial para o desenvolvimento de novos projetos educativos de EA", bem como a importância da divulgação dessas práticas.

No sexto artigo, intitulado "Sustentabilidade ambiental no setor de mineração no município de Vieirópolis, PB: estudo de caso com aplicação do modelo Pressão-Estado-Resposta", os autores "tem como objetivo analisar a sustentabilidade de uma empresa do setor de mineração (mármore verde)". E seus resultados "apontam que a referida empresa ainda não tem cumprido seu papel perante a sociedade, ou seja, não tem desempenhado um papel ecologicamente correto".

Do nosso ponto de vista (editores) achamos muito difícil que uma empresa de mineração consiga desempenhar uma função "ecologicamente correta", em virtude de sua atividade fim que é de extração mineral (recurso finito) e da relação que historicamente esse tipo de atividade desempenha na exploração da força de trabalho. E, ainda mais no contexto atual no qual está evidenciado o caráter destrutivo, bem como a ânsia por lucro destas empresas sem nenhuma consideração pelas pessoas e pela natureza. Assim, vários esforços estão sendo desenvolvidos com o objetivo de se problematizar a atividade mineraria, como por exemplo: Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale e o Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente a Mineração. Deixando evidente a importância de se discutir o modelo de exploração mineral no país e não apenas sustentabilidade. Afinal, sustentabilidade para quê e para quem?.

No sétimo artigo, intitulado "Percepções de um conflito socioambiental e suas contribuições para educação ambiental", as autoras fazem o debate sobre conflito ambiental e sua relação com a educação ambiental. "O conflito em questão se desenrola na zona rural do Alto Capibaribe, Agreste de Pernambuco, e envolve uma controvérsia entre a exploração de areia para construção civil e a sustentabilidade hídrica de

populações rurais difusas". Finalizam apontando para a necessidade e a importância desse reconhecimento para se pensar as propostas de EA.

Na resenha do livro "Aratirí y otras aventuras: las soberanías cuestionadas" de autoria de Víctor Bacchetta" é apresentada a mobilização no Uruguai contra um projeto de mineração de ferro. Vale destacar que esse processo, decorrente das estratégias dos movimentos sociais, conseguiu frear os anseios do capital internacional. Destacam-se entre as estratégias utilizadas a socialização de informações, desconstituição dos argumentos do governo e da empresa, a horizontalidade das discussões, articulações entre diversos setores e outras que o livro detalha. Tal experiência aponta para possibilidades educativas e de aprendizagem para o enfrentamento a grandes projetos econômicos que proliferam na América Latina, que tem historicamente sempre os mesmos beneficiários.

Assim, entendemos (editores) que as lutas e conflitos ambientais, que se proliferam contra Grandes Projetos de Desenvolvimento – GPDs, colocam em evidência projetos de desenvolvimento excludentes e destruidores da natureza, marcados pela apropriação da riqueza por alguns e pela socialização dos danos ambientais com determinadas comunidades (injustiça ambiental). É importante destacar que esses conflitos apontam para a possibilidade de uma outra lógica de usos dos recursos naturais e da apropriação dos territórios e, portanto, de um “outro” tipo de desenvolvimento.

A educação ambiental, em muitos casos, tem sido utilizada como uma forma de se construir o apoio dos territórios a esses projetos, como uma estratégia de *marketing* que visa legitimar tais empreendimentos. Essas estratégias fazem com que os conflitos e a rebeldia dos “debaixo” sejam sempre colocados em cheque. E disso surge a necessidade de procurar outra forma de se pensar e fazer EA, bem como do lugar em que ela deve estar neste conflito, que em nossa perspectiva não é ao lado dos poderosos e dos exploradores.

Esperamos e desejamos para todas/os uma excelente leitura desse novo número da Ambiente & Educação.

Carlos RS Machado - Editor Chefe;

Humberto Calloni - Editor Adjunto

Caio Floriano dos Santos - Editor Adjunto